



PERNAMBUCO PÓS-1964: A ATUAÇÃO DE GERALDO SANTANA NOS CAMPOS DA ARQUITETURA E DO URBANISMO¹

PERNAMBUCO POST-1964: THE WORK OF GERALDO SANTANA IN THE FIELDS OF ARCHITECTURE AND URBANISM

Mariana Oliveira Braga de Moraes
Universidade Federal de Pernambuco, UFPE
mariana.obm@gmail.com

Guilah Naslavsky
Universidade Federal de Pernambuco, UFPE
guilahn@uol.com.br

RESUMO

A construção de Brasília significou para os arquitetos grandes possibilidades de atuação e emancipação definitiva da arquitetura brasileira, uma vez que o próprio símbolo deste novo Brasil era a arquitetura, coroada na nova capital. Dois arquitetos pernambucanos – Armando Holanda e Geraldo Santana –, egressos do curso de mestrado da UnB quando do Golpe de 1964, encontraram no Nordeste programas governamentais voltados para desenvolvimento urbano, industrialização e habitação popular, entre outros, constituindo um terreno fértil para suas práticas. Santana foi quem atuou durante mais tempo em Pernambuco – cerca de quarenta anos, sendo vinte deles na FIDEM –, colaborando para seu desenvolvimento. Na escala arquitetônica, Santana reuniu preceitos de racionalização e economia da construção, pré-fabricação e megaestrutura, tão caros à época. Dentre suas obras mais representativas está o Parque Residencial da Boa Vista – uma megaestrutura de três torres residenciais conectadas por um bloco horizontal de comércio e estacionamento, o qual nunca foi finalizado. A obra, portanto, nunca se constituiu de um empreendimento misto – tornou-se apenas residencial. Embora inacabada, percebe-se que esta obra sintetiza o momento em que foi construída: ela expõe a contradição do milagre brasileiro onde as aspirações por um país desenvolvido deram lugar às frustrações de um país em crise.

Palavras-chave: Arquitetura moderna. Pernambuco. Geraldo Santana.

ABSTRACT

The construction of Brasília meant great possibilities of work for the architects and definitive emancipation of the Brazilian architecture since the symbol of this new era was the architecture itself, embodied in the new capital. Two architects from Pernambuco – Armando Holanda and Geraldo Santana – were resigned from their Master's program in Brasília University when the military took over in 1964. In the Northeast, they found a productive scenario for their careers made possible by the governmental programs focused on urban development, industrialization and social housing, etc. Santana worked longer – approximately forty years, twenty of them at FIDEM – in Pernambuco, collaborating to its development. In the architectural field, Santana worked with important contemporary precepts such as construction rationalization, pre-fabrication and megastructures. Amongst his most representative work, there is the “Parque Residencial da Boa Vista” – a megastructure of three residential towers connected by an incomplete horizontal block for commercial use and parking. Thus, this project was never a mixed use, only residential. Although incomplete, this project synthesizes the moment in which it was built: it carries the contradiction of the Brazilian miracle when the aspirations for a developed country gave in to the frustrations of a country in crisis.

Keywords: Modern architecture. Pernambuco. Geraldo Santana.

¹ MORAIS, M; NASLAVSKY, G. Pernambuco pós-1964: A atuação de Geraldo Santana nos Campos da Arquitetura e Urbanismo. In: 11° SEMINÁRIO NACIONAL DO DOCOMOMO BRASIL. *Anais...* Recife: DOCOMOMO_BR, 2016.



1 INTRODUÇÃO

A construção da nova capital, segundo moldes do urbanismo moderno, somada à crescente industrialização e urbanização do país e às profundas mudanças no sistema educacional – iniciada com a criação Universidade de Brasília (UnB) –, significou para os arquitetos grandes possibilidades de atuação e emancipação definitiva da arquitetura brasileira, uma vez que o próprio símbolo deste novo Brasil era a arquitetura, coroada em Brasília (BASTOS, 2003).

Embora o Golpe Militar, em 1964, tenha frustrado expectativas criadas com a fundação na nova Capital Federal, a criação de órgãos como o BNH, a SUDENE, o SERFHAU, a FIDEM, o CNDU, a EMBRATUR, entre outros, que incentivavam o desenvolvimento urbano, a industrialização no Nordeste, a habitação popular, o turismo, as cidades históricas e as regiões metropolitanas, atraíram, nas décadas de 60 e 70, profissionais – entre outros, os arquitetos e urbanistas – os quais estiveram diretamente engajados no esforço do desenvolvimento da região (SANTANA, 2002).

O golpe militar forçou o retorno precoce de jovens arquitetos a Pernambuco alunos dos cursos de pós-graduação da UnB. Dentre eles, Geraldo Santana, Armando Holanda e Glauco Campello, foram os que favoreceram uma aproximação mais íntima do estado com a nova capital. Esses profissionais foram os que melhor expressaram as preocupações técnicas e construtivas difundidas em Brasília no contexto local (MARQUES, 2003 apud in NASLAVSKY, 2004): trouxeram ideias vanguardistas derivadas das iniciativas elaboradas em Brasília e das experiências internacionais².

Esses acontecimentos moldaram um cenário bastante interessante no estado de Pernambuco. Por se tratar de uma época relativamente recente (anos 1960-1980) pela qual pesquisadores começaram a se preocupar há apenas duas décadas (em 1992, com o Núcleo DOCOMOMO-Brasil), e devido a pouca produção de revistas de arquitetura naquele momento – o golpe de 1964 reduziu bastante a difusão cultural no país (BASTOS, 2003) –, há pouca bibliografia sobre a arquitetura local dessa época. O objetivo desse trabalho é continuar a discussão sobre esse momento, suas influências, expectativas e frustrações, através de quem a viveu de perto: Geraldo Santana, o qual atuou no estado como arquiteto, urbanista e professor, participando da formação de profissionais e do desenvolvimento do nosso estado por cerca de quatro décadas³.

2 AS DÉCADAS DE 1960 E 1970

Após a Segunda Guerra Mundial (1945) até o fim da década de 1950, a economia da região Nordeste se retraiu aumentando ainda mais seu cenário de pobreza: “participava com apenas 11% do produto interno bruto do País contra uma média de 30% em 1939” (CALDAS, 2010). Foi somente com o plano de metas “cinquenta anos em cinco” de Juscelino Kubitschek que a situação começou a mudar. Este plano visava fazer do Brasil um país desenvolvido e industrializado através dos investimentos à indústria de base, da construção rodovias e hidrelétricas, do incentivo à entrada de capital estrangeiro no país através principalmente da indústria automotiva, da ampliação da extração de petróleo e entre outras iniciativas (NASLAVSKY et al, 2013).

Fruto destas iniciativas, foi criada, em 8 de janeiro de 1960, a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), com sede implantada em Recife-PE. O objetivo da SUDENE era aproximar diferentes territórios da região através do desenvolvimento de vários setores produtivos,

² Armando, no Curso de Especialização em Protótipos, *International Course on Building* no Bouwcentrum em Roterdã, Holanda (SILVA, 1997); Glauco, responsável pelo desenvolvimento do projeto de Niemeyer para a sede da Editora Mondadori, em Milão, Itália; e Geraldo, em viagens internacionais para os Estados Unidos e para Congressos (Havana, San Juan, Porto Rico, entre outros).

³ Dos três jovens que retornaram de Brasília a Pernambuco, Armando de Holanda, constante tema de pesquisas e artigos, morreu prematuramente em 1979; Glauco Campello, apesar da quantidade e qualidade de obras construídas no estado, atuou mais intensamente em Brasília e no Rio de Janeiro, onde mora atualmente; Geraldo Santana, foco principal do presente artigo, atuou no estado como arquiteto, urbanista e professor por cerca de quarenta anos.



principalmente o da indústria: “havia a crença de que a industrialização alavancaria o desenvolvimento regional e, para isso, o incentivo estatal seria essencial ao processo” (CALDAS, 2010). Foi neste momento que a industrialização e economia do Nordeste começaram a alavancar.

Nesta década, também se pode observar o surgimento de empreendimentos imobiliários como atividade econômica lucrativa para proprietários e empresários de imóveis interessados no mercado da locação. Segundo Amorim (2003 b), o ideal de habitação da classe média passou de moradia individual e isolada para habitação coletiva e vertical “com a lenta superação de antigos preconceitos sociais que relacionam co-habitação a arremedo social”. Havia ainda um forte clima de liberdade democrática no país desde a queda do Estado Novo, em 1945, impulsionando forças políticas que pregavam a defesa dos direitos da parcela mais pobre e miserável da população em Pernambuco (ROSEMBERG, 2003), a exemplo do Movimento de Cultura Popular (MCP) – ativo de maio de 1960 a abril de 1964 –, fruto de parceria entre o governo do prefeito Miguel Arraes, a Frente do Recife e artistas e intelectuais como Paulo Freire, Abelardo da Hora e Germano Coelho (SOUZA, 2009), o qual visava estimular arte e educação no estado para uma ação cultural libertadora.

A década de 1960, a qual se iniciou com a inauguração de Brasília, teve suas expectativas econômicas, sociais, culturais e políticas frustradas quando do Golpe de 1964. A repressão imposta pelo regime ditatorial sobre as universidades de todo o país e sobre a imprensa especializada em arquitetura trouxe severas consequências também para o modo de pensar e produzir a nossa arquitetura: houve cassação de alunos e professores, desmantelamento da experiência da UnB; e, a partir de 1968, o súbito aumento das escolas de arquitetura, que não mais refletiam os anseios de liberdade nascidos na construção de Brasília. Nossa produção nacional não era mais difundida e, conseqüentemente, não havia mais o interesse internacional nela (BASTOS, 2003).

Dentre os jovens mestres que retornaram a Pernambuco, afetados pelo desmantelamento da UnB, Marques aponta três jovens “que melhor expressaram as preocupações técnicas e construtivas difundidas em Brasília” (MARQUES, 2003, apud in NASLAVSKY, 2004). São eles: Geraldo Santana, Armando Holanda e Glauco Campello. Estes arquitetos conformaram alguns dos principais nomes dessa nova geração em Pernambuco à luz dos mestres da “Escola Pernambucana” e de Brasília (NASLAVSKY et al, 2013).

Já na graduação, esta tríade teve contato com grandes mestres da arquitetura pernambucana: Acácio Gil Borsoi, Delfim Amorim, Heitor Maia Neto, Evaldo Coutinho, Antônio Baltar, Ayrton Carvalho, Ivan de Aquino, entre outros. Em 1960, Santana foi convidado pelo próprio Delfim Amorim, a estagiar no escritório do arquiteto até sua formatura em 1962. Desse contato, Geraldo colaborou com o Edifício Acapulco, na Avenida Boa Viagem; com o Plano Geral e o Anteprojeto do Loteamento Muribara, em São Lourenço da Mata/PE, entre outros projetos. O contato de Santana com Brasília ocorreu ainda na graduação (aproximadamente dois meses antes da inauguração da capital), junto ao professor Heitor Maia Neto, Jório Cruz, Zenildo Caldas, Moisés Andrade e João Borba, em viagem patrocinada pela Universidade, com passagem pelo Rio de Janeiro para visitar os escritórios da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP).

Em seu curso de pós-graduação em Brasília, iniciado em fevereiro de 63, Santana estagiou no CEPLAN e foi instrutor auxiliar em disciplinas do curso de graduação ensinadas por Lygia Martins Costa (história da arte), Glauco Campello (projeto de arquitetura) e João Filgueiras Lima “Lelé” (técnicas construtivas). Seu trabalho de dissertação, orientado por Glauco Campello, constituiu-se da elaboração de um anteprojeto do Centro de Educação Elementar para a Unidade de Vizinhança São Miguel em Brasília. Este trabalho era parte de “[...] um projeto integrado ao Plano Urbanístico das quatro superquadras e mais os equipamentos e o Paisagismo, destacado por Oscar Niemeyer, [...] como tema-tarefa para nossos trabalhos de conclusão do curso de mestrado” (SANTANA, 2013 a). Este plano não foi completamente executado devido às implicações do golpe militar.

Embora o ensino nas universidades tenha sido prejudicado, o Nordeste se mostrou um terreno fértil



para as práticas profissionais destes arquitetos. Com a criação de órgãos como a SERFHAU, o BNH, a SUDENE, a FIDEM, a COHAB, entre outros, os arquitetos se dedicaram a atividades voltadas ao desenvolvimento do estado “[...] seja como funcionários do governo, profissionais autônomos ou consultores em dezenas de empresas e escritórios de projetos, especificamente criados naquele período, todos voltados para esses mesmos objetivos” (SANTANA, 2002).

Estas políticas urbanas, as quais eram voltadas principalmente para a expansão metropolitana, juntamente com o grande crescimento econômico proporcionado pelo milagre econômico brasileiro caracterizaram o final dos anos 1960 a meados dos anos 1970 como o período maior crescimento urbano da história do país. Nesta década, o crescimento da Região Metropolitana do Recife foi marcado pela construção de vários conjuntos habitacionais nas periferias financiados pelo do Banco Nacional de Habitação (BNH) através de sua política de edificação, e pelo surgimento de grandes equipamentos como o Centro de Convenções de Olinda, o Shopping Center Recife, em Boa Viagem, e o Terminal Integrado de Passageiros, em Jaboatão (MARQUES & NASLAVSKY, 2004).

A densidade vista nos conjuntos habitacionais das periferias foi também, em diferente intensidade, experimentada na moradia da classe média e alta do Recife e Região Metropolitana. De acordo com Amorim,

Os anos 70 podem ser considerados como a década de ouro do experimentalismo da moradia vertical, mostrando o desenvolvimento das ideias forjadas na década anterior, o amadurecimento da indústria imobiliária e o contexto social e econômico adequado para a definitiva implantação da moradia vertical. (AMORIM, 2003 a)

Em resposta a toda essa efervescência urbana, foram criados programas, planos e fundações para melhor tratar das recentes questões sobre planejamento urbano, patrimônio, ecologia e conservação, entre outras. Alguns deles são: a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE), em 1973, visava o incentivo à cultura, à preservação dos monumentos históricos e artísticos do estado, incentivando, preservando e difundindo identidades e produções culturais de Pernambuco; o Mestrado em Desenvolvimento Urbano (MDU), na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1975, a fim de formar profissionais para atuar nestes órgãos públicos de planejamento. (AMORIM, 2003 a); o Plano de Preservação dos Sítios Históricos (1978) pela Fundação de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Recife (FIDEM); e, já na década de 80, o Plano de Preservação dos Sítios Históricos do Interior pela a Fundação de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco (FIAM).

No âmbito internacional, a recuperação do espírito pioneiro das vanguardas do início do século, associado aos avanços tecnológicos (novas possibilidades do cálculo, produção de estruturas arquitetônicas, entre outros), promoveu um período de prosperidade, de desenvolvimento e crescimento nos países capitalistas, o qual impulsionou o desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação no segundo pós-guerra. Neste contexto, a arquitetura tradicional passou a ser considerada como antiquada, o que levou muitos arquitetos a proporem mudanças bruscas na prática arquitetônica (DA SILVA, 2004). Surgiram, então, as propostas utópicas de arquiteturas, como a arquitetura brutalista, as megaestruturas e a arquitetura sobre o mar e no espaço cósmico⁴.

Segundo Marques & Naslavsky, as influências desta estética brutalista e o emprego de megaestruturas, já são encontradas em Pernambuco na década de 1970 nos trabalhos dessa nova geração dos jovens arquitetos:

⁴ O termo “brutalismo” descreve um programa e uma atitude na arquitetura, expressadas a partir de exposição de materiais, do resgate aos materiais tradicionais e dos volumes mais enfáticos (CANTÁLICE II, 2009). Contemporaneamente, as megaestruturas surgiram em resposta ao grande desenvolvimento das atividades terciárias e em recusa à metodologia racionalista de zoneamento da Carta de Atenas. Este termo caracteriza os projetos que fazem o intermédio entre as escalas arquitetônica e urbanística da cidade, favorecendo a tecnologia e os grandes dimensionamentos, em detrimento dos elementos arquitetônicos de escala tradicional: arquitetura como cultura de massa, art pop.



A junção do brutalismo e da megaestrutura – este último um conceito que aparece no modernismo tardio para caracterizar as edificações de grandes dimensões e de usos mistos – também está presente, como Ed. Manoel Borba [do Conjunto residencial Parque da Boa Vista], projeto do Grupo de Planejamento Físico e [arquitetura] (MARQUES & NASLASVSKY, 2004).

O Parque Residencial da Boa Vista é um dos edifícios mais emblemáticos do Grupo de Planejamento Físico e Arquitetura – do qual Geraldo Santana foi co-fundador – e mesmo do Recife da década de 1970.

3 A ATUAÇÃO DE GERALDO SANTANA EM PERNAMBUCO

3.1 Universidade Federal de Pernambuco

Após ter sua tentativa de bolsa de estudos para se especializar na França em “Tecnologia de Pré-fabricação na Obra” frustrada pelo Golpe Militar de 1964, Santana retornou ao Recife quando da conclusão de seu mestrado e ingressou, em 1966, na então Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Recife (atualmente, parte da Universidade Federal de Pernambuco) como professor voluntário das disciplinas Grandes Composições de Arquitetura – dirigida por Acácio Gil Borsoi – ao lado de Vital Pessoa de Mello e Glauco Campello, logo sendo contratado e passando a compor o corpo docente ao lado dos seus antigos colegas de curso Armando de Holanda, Zildo Caldas, José Fernando Carvalho, Wandenkolk Tinoco, Geraldo Gomes, Moisés Andrade, Mônica Raposo, entre outros. Também voltou a frequentar o escritório de Delfim Amorim, até 1967, trabalhando em detalhamentos de projetos.

Na instituição de ensino, o professor Santana foi coordenador das equipes docentes em disciplinas de Planejamento Arquitetônico; foi orientador de trabalhos finais de graduação; e em três períodos, entre 1976 e 1988, exerceu atividades administrativas como coordenador do curso, e chefe e vice-chefe do Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Santana esteve em atividade na Universidade por contínuos 36 anos (1966-2003), participando da formação de milhares de arquitetos e urbanistas da instituição.

3.2 Grupo de Planejamento Físico e Arquitetura

No mesmo ano em que iniciou suas atividades na Universidade, Geraldo Santana, Moisés Andrade e José Fernando de Carvalho, fundaram em sociedade o Grupo de Planejamento Físico e Arquitetura LTDA. Estes arquitetos foram atraídos pelas demandas da Prefeitura do Recife, através de financiamentos do Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU), para elaborar Planos de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI); pelos incentivos da SUDENE para construção de fábricas⁵; e pelas demandas de inúmeros incorporadores de projetos de edifícios de habitação coletiva e comerciais financiados pelo BNH e pelo Banorte. Dentre os incorporadores, a Usina Cerâmica do Cordeiro e o Grupo Lynaldo Uchôa de Medeiros (Grupo LUME) construíram as obras mais representativas desse escritório, como o Conjunto Residencial Parnamirim (1969), o Edifício Olimpíadas (1972), o Edifício Marquês do Recife (1970) – esses dois últimos premiados pela I Bienal de Arquitetura, 1973 –, o Edifício comercial Novo Recife (1966) e o Parque Residencial da Boa Vista (1967), entre outros.

3.2.1 Parque Residencial da Boa Vista

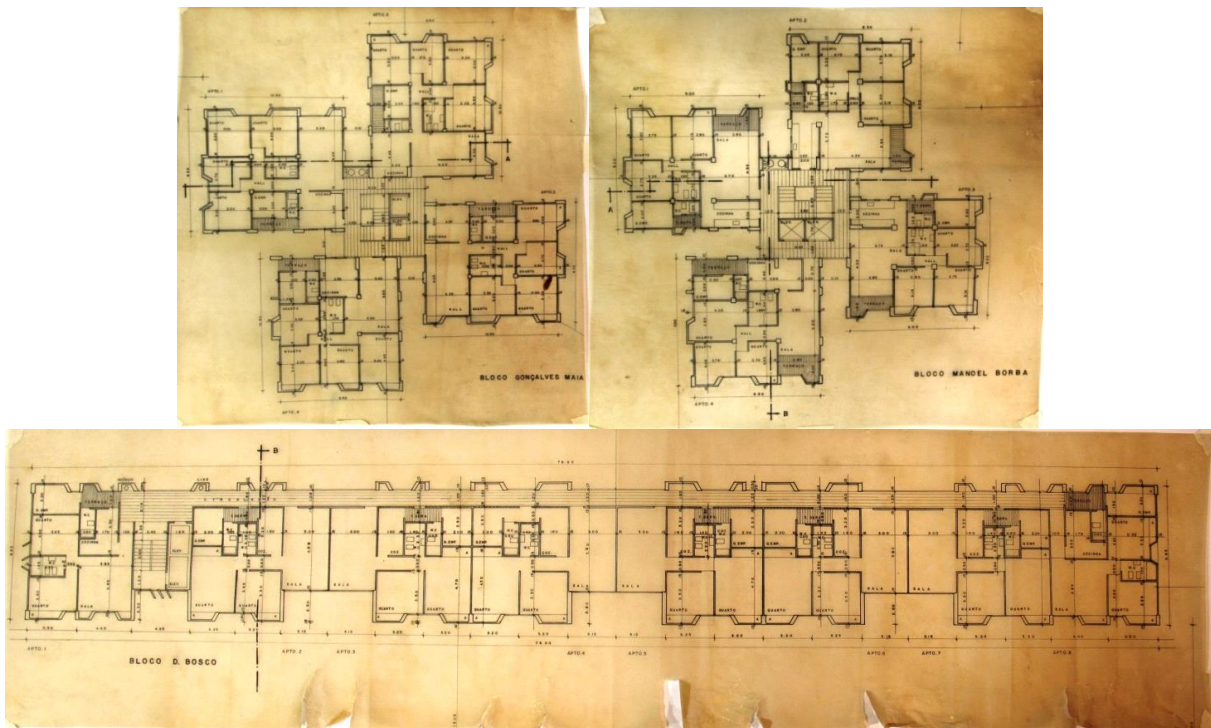
O Parque da Boa Vista (1967) é localizado em uma das principais centralidades do Recife, na Avenida Manoel Borba, com esquinas para as ruas Dom Bosco e Gonçalves Maia, no Bairro da Boa Vista. Este

⁵ A exemplo da Fábrica da Coca-Cola, no bairro das Graças; e do Curtume Santa Sofia, em Caruaru-PE.



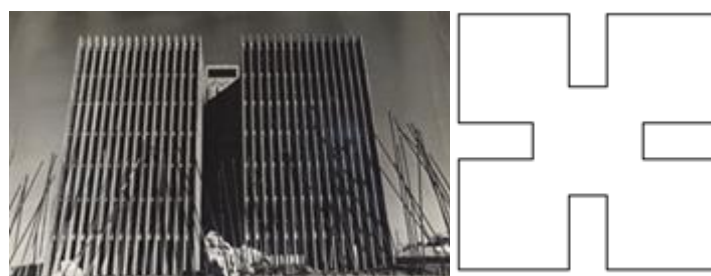
empreendimento, encomendado pela Incorporadora Grupo LUME com financiamento do BNH, é formado por três torres: o Edifício Dom Bosco, que é um bloco longitudinal de dezoito pavimentos tipos com oito apartamentos de dois quartos por andar; o Edifício Gonçalves Maia, de doze pavimentos tipos, de planta em “hélice” com quatro apartamentos de quatro quartos por andar; e o Edifício Manoel Borba de vinte e um pavimentos tipos, também em “hélice” com quatro apartamentos de três quartos por andar (figuras 1,2 e 3). De acordo com Santana, a planta em “hélice” dos edifícios Gonçalves Maia e Manoel Borba é uma evolução da solução adotada pelos arquitetos Sérgio Sousa Lima e Mayume Sousa Lima (ex-alunos de Artigas) nos edifícios residenciais da Unidade Vizinhança São Miguel em Brasília (figuras 4 e 5) quando do seu mestrado na UnB⁶.

Figuras 1, 2 e 3



Plantas dos pavimentos tipos do segundo anteprojeto. Da esquerda para a direita: Bloco Gonçalves Maia, Bloco Manoel Borba e Bloco Dom Bosco. Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Santana

Figuras 4 e 5



Esquerda: Edifício residencial projetado por Sérgio e Mayume Sousa Lima. Acervo pessoal de Geraldo Santana.
Direita: Esboço do contorno da planta do Residencial projetado por Sérgio e Maiyme. Fonte: feito pela autora

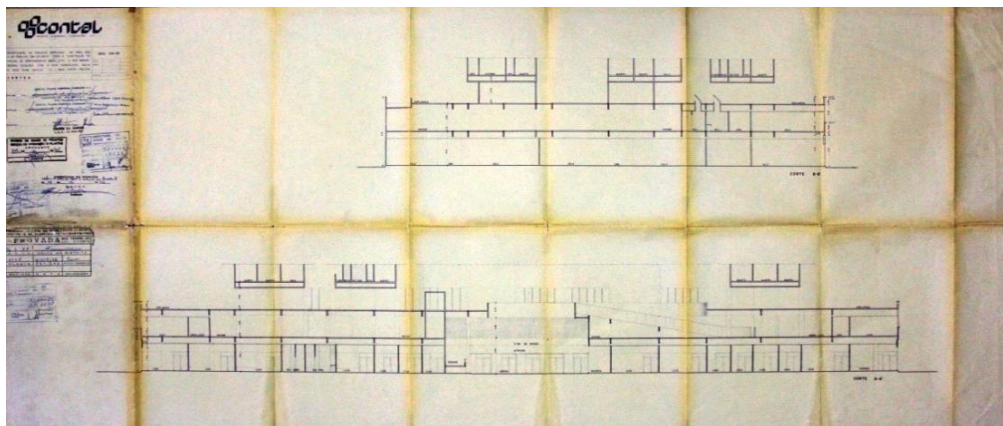
O número de blocos desse conjunto não foi definido pelos arquitetos, mas sim pelo próprio dono da

⁶ Enquanto as torres de Brasília são simétricas, as do Parque da Boa Vista sofrem um deslocamento pela rotação dos apartamentos. Houve a preocupação de não conjugar os apartamentos, conferindo maior privacidade para as unidades e houve também o cuidado com o conforto ambiental: os apartamentos voltados para o oeste, os quais possuem plantas diferenciadas de maneira a evitar que suas salas se voltassem para o poente.



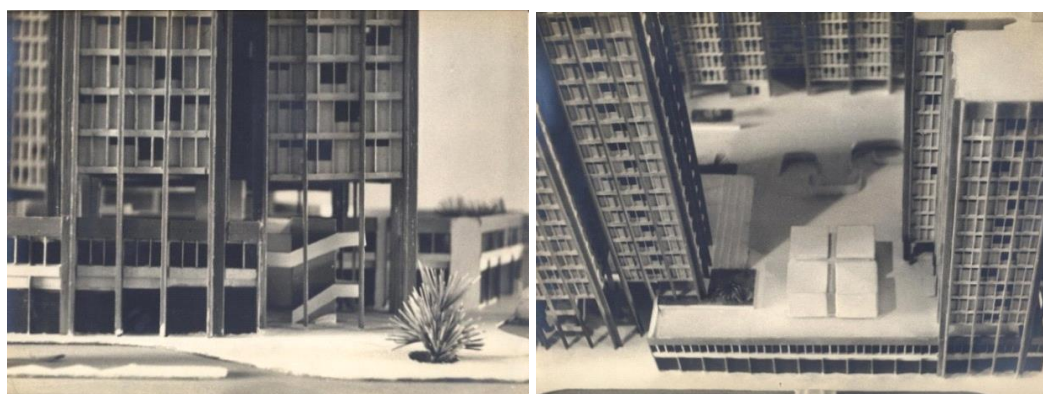
Incorporadora LUME, o empresário Lynaldo Uchôa Medeiros (SANTANA, 2013 b). Medeiros optou por não desmembrar o terreno, onde caberiam quatro ou cinco condomínios independentes, e sim por fazer um empreendimento de três torres fisicamente integradas por um bloco horizontal ligado às três ruas que delimitam o lote, com dois pisos comerciais e de estacionamento e um vazado (figuras 6, 7 e 8). Esse empreendimento possui cerca de 45mil m².

Figura 6



Prancha de cortes longitudinal e transversal do bloco horizontal. Fonte: Acervo Dircon

Figuras 7 e 8



Protótipo do segundo anteprojeto feito na Moveterras, do Eng. Arlindo Pontual. Fonte: Acervo pessoal de Geraldo Santana

Devido ao apertado cronograma de 18 meses exigido pelo BNH e pelas numerosas demandas motivadas pelo milagre econômico, a construção, o financiamento e a comercialização deste projeto foram bastante complicados, entre os anos de 1970 e 1972, gerando um total de três anteprojetos:

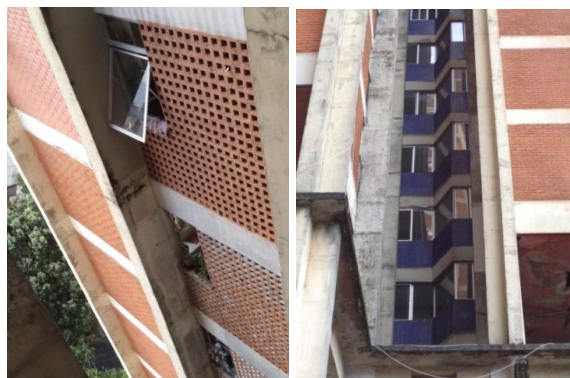
As indústrias não tinham capacidade para atender às demandas e encomendas das construtoras; e os fluxos dos financiamentos da Caixa Econômica Federal também foram alterados, atrasados, pois foram maiores do que a capacidade de atendimento por parte da CEF e do BNH. O Grupo LUME moveu ações na Justiça contra o Governo e contra a Construtora, pois a obra teve que ser paralisada. (SANTANA, 2013 b)

O primeiro anteprojeto, que empregava bastante concreto de sustentação, “brutalista”, superdimensionado, ia de encontro com os limites de tempo do BNH e de materiais da demanda. Propôs-se, então, num segundo anteprojeto: um sistema construtivo de elementos estruturais pré-moldados (“painéis-pilares”, segundo Santana) com pilares internos, lajes, caixas de elevadores, escadas e casa de máquinas em concreto aparente. O emprego desses “painéis-pilares”, entretanto, requeria que o andar fosse totalmente circundado por eles antes de ser colocada a laje do piso



seguinte. Isto também atrasaria bastante a obra, o que os levaram a elaborar um terceiro e último anteprojeto de soluções tradicionais: moldagem *in loco*, paredes em alvenaria, cobogós cerâmicos e pastilhas nas paredes externas (uma para cada bloco: azul, verde e marrom). Mas as indústrias já não estavam dando conta das demandas por cimento, pastilhas ou tijolos (parte do cimento teve de ser importado da Bulgária). Finalmente, o grupo optou por detalhes em pastilhas azuis, tal como é hoje (figuras 9 e 10).

Figuras 9 e 10



Esquerda: Tijolo aparente e cobogós. Foto da autora. Data: 27/05/2013
Direita: Pastilhas azuis no corpo de circulação vertical. Foto: Mariana Moraes. Data: 27/05/2013.

Geraldo Santana não se restringiu somente ao desenho do projeto arquitetônico somente. Fez os desenhos dos passeios em pedra portuguesa⁷ e, ainda, no bloco Gonçalves Maia, desenhou um mural de concreto, onde usou três prismas triangulares com medidas geradas a partir do uso da Sequência de Fibonacci, organizados em três fileiras (figuras 11, 12 e 13).

Figuras 11, 12 e 13



Esquerda: Desenho da calçada e painel ao fundo. Acervo pessoal de Geraldo Santana
Centro e direita: Painel desenhado por Santana no Bloco Gonçalves Maia. Acervo pessoal de Geraldo Santana

3.3 Instituto de Arquitetos do Brasil

Geraldo também esteve diretamente envolvido com o Instituto dos Arquitetos do Brasil – Departamento de Pernambuco. Ao lado de Zildo Caldas, Waldecy Pinto e José Fernando Carvalho, integrou-se como secretário da Diretoria do biênio 1968/69, tornando-se em seguida Presidente do Instituto, no período de 1970 e 1971. Em 1969, o IAB – PE organizou a “Premiação de 1969”, que foi

⁷ Santana recebeu o prêmio de segundo lugar no Concurso de Projetos para Revestimentos dos Passeios Públicos da Cidade do Recife de 1969 (NÓBREGA & CÂMARA, 2011). Os ganhadores tiveram seus desenhos amplamente empregados nas calçadas da cidade. Os desenhos de Santana foram utilizados nos passeios do Parque Residencial da Boa Vista, da Academia Pernambucana de Letras, na Praça de Casa Forte, no Ginásio do Geraldão, entre outros (SANTANA, 2016).



transformada em um livreto e uma exposição. O arquiteto Luiz Amorim considerou a premiação anual do IAB-PE:

Um dos mais importantes eventos para a valorização e o reconhecimento da atuação profissional no estado. Através desta promoção, o instituto não apenas reconhece a contribuição dada pelos associados e profissionais atuantes no estado, como também, através da própria seleção, referenda os princípios que fundamentam as soluções destacadas. Assim, uma síntese da arquitetura dos anos 60 pode ser obtida pela simples observação das obras premiadas pelo instituto. (AMORIM, 2003 a)

O produto da premiação foi adotado pela Direção Nacional do IAB para integrar a mostra brasileira do Congresso de San Juan – Porto Rico em 1970. Já como presidente do Instituto, Santana foi incluído na Delegação do IAB para o congresso internacional com o objetivo de apresentar e distribuir os livretos da premiação em palestras sobre o Brasil.

Após o congresso, por recomendação do professor Borsoi, viajou aos Estados Unidos, passando pelas cidades de Nova York, New Haven e Filadélfia, onde visitou, “em uma semana, suas mais importantes obras de arquitetura: Mies Van Der Rohe, Frank Lloyd Wright, Walter Gropius, Philip Johnson, Paul Rudolph, Eero Saarinen, Louis Kahn [...]” (SANTANA, 2010) e ainda foi ao escritório deste último.

3.4 DIPER e FIDEM

Um pouco antes de encerrar as atividades do Grupo de Planejamento Físico e Arquitetura LTDA (em 1975), Santana começou a se enveredar para o campo do urbanismo. Entre os anos de 1973 e 1974, esteve vinculado à Agência de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco (DIPER), onde prestou consultoria na área de urbanismo para o Plano Diretor do Complexo Industrial Portuário de Suape.

Após encerramento do Grupo de Planejamento Físico e Arquitetura, Santana continuou sua atuação como arquiteto e urbanista, tornando-se consultor autônomo em arquitetura, urbanismo e desenho urbano de instituições públicas e empresas de consultoria. Sua passagem pela DIPER abriu portas para que exercesse cargos de coordenação técnica junto à Fundação de Desenvolvimento da RMR (FIDEM) (de 1976 a 1994) e às Secretarias de Planejamento e de Transportes, em planos e projetos urbanísticos e legislações ambientais e de parcelamento, de uso e de ocupação do solo (1986/87). Também representou o Governo do Estado no Conselho de Desenvolvimento Urbanos do Recife (CDUR) (de 1988 a 90), e no Conselho de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda (de 1992 a 94).

Com forte crescimento e desenvolvimento urbano visto na década de 1960, houve a preocupação do Governo Federal em organizar os centros urbanos brasileiros, através da institucionalização de nove regiões metropolitanas em 1973, entre elas, a Região Metropolitana do Recife (RMR)⁸. Para coordenar e planejar a RMR e sua expansão, o Governo do Estado criou, em 1975, o Sistema de Gestão Metropolitana composto por um conselho composto por representantes dos municípios e do estado (CONDERM), um órgão técnico (FIDEM) e um fundo financeiro (FUNDERM).

Dentre os objetivos da FIDEM estão a instrumentalização das ações de planejamento estratégico do Governo de Pernambuco; a prestação de apoio aos municípios no desenvolvimento de instrumentos e mecanismos de gestão de controle do uso e ocupação do solo urbano; a racionalização dos processos e a ampliação do uso dos recursos informacionais necessários à atuação dos setores públicos e privados; entre outros. A FIDEM é responsável também por efetuar estudos e pesquisas para apoiar o desenvolvimento, controle e avaliação de ações prioritárias do Poder Executivo, promovendo, assim, o planejamento do desenvolvimento municipal, regional e metropolitano de

⁸ Regiões Metropolitanas do Brasil. Disponível em: <
http://www.observatoriodasmetropoles.net/download/observatorio_RMs2010.pdf> Acesso em: 18/03/2016.



Pernambuco⁹. Naquele momento, portanto, o campo do urbanismo se mostrou mais promissor que o da arquitetura.

Nesta instituição, Santana trabalhou cerca de duas décadas como coordenador técnico de urbanismo na elaboração e na implementação de vários de planos de desenvolvimento integrado (PDI). A primeira década da instituição é considerada por Santana como o “período áureo” da FIDEM. Neste tempo, ele coordenou as equipes técnicas do Plano Diretor Urbano do II Polo Metropolitano (1976/77) – referente a Recife, Jaboatão dos Guararapes, Camaragibe e São Lourenço; do Plano de Ordenamento das Faixas de Praia da RMR (1977/78) – referente a Itamaracá, Igarassu, Paulista, Olinda, Recife, Jaboatão dos Guararapes, Cabo de Santo Agostinho; e do Plano da Central de Cargas e Comércio Atacadista da RMR (1979) – em São Lourenço da Mata. Participou também d elaboração do Plano de Desenvolvimento Metropolitano (1981/82) para a RMR (SANTANA, 2016).

Dentre estas experiências, vale destacar sua participação no Plano Diretor Urbano do II Polo Metropolitano. Este plano foi fruto da decisão do governo urbanizar o eixo oeste da RMR com a criação de equipamentos âncoras no Curado e entorno. Em um terreno de aproximadamente dois mil hectares, a equipe de Santana locou o Terminal Integrado de Passageiros (TIP), o centro urbano do Curado, os conjuntos habitacionais do Curado (Curado 3 e 4), o centro administrativo do Estado (na mata da várzea atrás da Oficina de Brennand) e a central de distribuição de cargas e comércio atacadista (onde hoje é a Arena Pernambuco) – estes dois últimos não foram executados por motivos ambientais e de conflito de interesses, respectivamente. Os órgãos responsáveis pela construção desses equipamentos tinham autonomia para executar seus projetos, desde que respeitassem a infraestrutura prevista pelo Plano Diretor.

4 CONCLUSÕES

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por mudanças políticas, econômicas, sociais, urbanas, arquitetônicas e urbanísticas no Brasil e em Pernambuco. Na esfera internacional, as novas possibilidades tecnológicas, que na década de 60 viraram uma realidade, promoveram um período de prosperidade, de desenvolvimento e crescimento nos países capitalistas, buscado também pelo o Brasil, que até então ainda não era um país completamente industrializado.

A construção de Brasília, a criação da SUDENE, o Golpe Militar de 1964, o milagre econômico brasileiro, a volta dos arquitetos pernambucanos vindos da UnB pós-1964 moldaram um cenário bastante peculiar no estado: houve financiamento para construção de estruturas produtivas; repressão aos artistas; crescimento urbano; criação de programas governamentais voltados para o desenvolvimento urbano e habitação popular; preocupação a respeito das questões sobre patrimônio, ecologia, conservação e restauração; criação do Mestrado de Desenvolvimento Urbano na UFPE; surgimento de empreendimentos imobiliários como atividade econômica lucrativa; experimentalismo da moradia vertical; entre outros.

O arquiteto e urbanista Geraldo Santana, que estava entre os professores demissionários da UnB quando do Golpe Militar, em retorno a Recife, participou das mais diversas esferas da arquitetura e urbanismo da cidade, colaborando para seu desenvolvimento e crescimento. No campo arquitetônico, Santana reuniu em suas obras preceitos de racionalização e economia da construção, pré-fabricação, conforto ambiental, brutalismo e megaestrutura, tão caros à época. E uma de suas obras que melhor retrata os ideais – assim como os fracassos – do recorte proposto neste trabalho é o Parque Residencial de Boa Vista.

O Parque da Boa Vista sofreu diversas alterações para se adequar ao cronograma do BNH, à incapacidade das indústrias de atender suas demandas, e aos atrasos de financiamento. De tanto se adequar, o Parque da Boa Vista, que antes se tratava de uma construção inovadora, carregada de

⁹ Disponível em <<http://www.condepefidem.pe.gov.br/web/condepe-fidem/apresentacao3>> Acesso em 08/03/2016.



preceitos modernos de brutalismo e megaestrutura, terminou por ser construída de maneira tradicional, sem superdimensionamentos, sem maiores aspirações. Pelas questões já citadas de disponibilidade de tempo, matéria prima e novas tecnologias, o seu bloco comum não foi completado e a obra nunca se constituiu de um empreendimento misto, como o era no papel – tornou-se apenas residencial.

Porém, o Parque da Boa Vista nunca foi totalmente finalizado. O seu bloco comum não foi completado e a obra nunca se constituiu de um empreendimento misto, como o era no papel – tornou-se apenas residencial. Embora inacabado e bastante modificado, pode-se perceber que este projeto sintetiza de forma clara o momento em que foi construído: ele expõe a contradição do milagre brasileiro onde as aspirações por um país desenvolvido deram lugar às frustrações de um país em crise.

No campo urbanístico, o final da década de 1970 ao início da década de 1980 pareceu mais promissor. Com o grande crescimento e desenvolvimento urbano dos anos 1960, a institucionalização das regiões metropolitanas, em 1973, mostrou a preocupação do país com o planejamento e a urbanização dos seus centros urbanos. Em Pernambuco, a formação do Sistema de Gestão Metropolitana (FIDEM, CONDERM e FUNDERM) para elaborar e implementar planos urbanos, marcou um momento bastante prolífico para o planejamento urbanos do Estado.

REFERÊNCIAS

AMORIM, L. Arquitetura-Pernambuco In: **Pernambuco 5 décadas de Arte**. Coord. André Rosemberg. Recife: Quadro Publicidade e Design Ltda., 2003. 224p. pp.59-125.

_____. Todos Juntos para o Céu In: **Pernambuco 5 décadas de Arte**. Coord. André Rosemberg. Recife: Quadro Publicidade e Design Ltda., 2003.

BASTOS, M. A. J. **Pós-Brasília: Rumos da Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Ed. Perspectiva/FAPSEP, 2003.

CALDAS, R. M. V. **Arquitetura Industrial em Recife: uma face da modernidade**. Recife, 2010. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. CAC.

CANTALICE II, A. **Um Brutalismo Suave: traços da arquitetura em Pernambuco (1965-1980)**. Dissertação de mestrado. Recife: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco – MDU/UFPE, 2009.

DA SILVA, M. S. K. **Redescobrimo a arquitetura do Archigram**. São Paulo: Vitruvius, 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/585>> Acesso em 06/08/2013.

FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PERNAMBUCO. Espaços. Disponível em: <<http://www.fundarpe.pe.gov.br/espacos.php>> Acesso em 16/07/2013.

MARQUES, S.; NASLAVSKY, G. **Estilo ou causa? Como, quando e onde? Os conceitos e limites da historiografia nacional sobre o Movimento Moderno**. São Paulo: Vitruvius, 2001. Disponível em: <<http://www.Vitruvius.com.br/arquitextos/065>> Acesso em 07/04/2001.

_____. **Eu vi o modernismo nascer... e ele começou no Recife**. In: Fernando Diniz Moreira. (Org.). *Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade*. 1ª ed. Recife: FASA, 2007, pp. 81-105.

_____. **Arquitetura Moderna**. In: Edileusa da Rocha (Org.). **Guia do Recife: Arquitetura e Paisagismo**. Recife: Ed. dos Autores, 2004.

MARQUES, S. M. da C. arquiteta e ex-aluna de Amorim (entrevista em 04/07/2003 por Guilah Naslavsky)



NASLAVSKY, G. **Modernidade Arquitetônica no Recife: arte técnica e arquitetura, 1920-1950**. São Paulo, 1998. 301p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo.

NASLAVSKY, G.;FREIRE, A.; MORAIS, M. Ir, vir e voltar. Novas conexões. Outros brutalismos. In: X Seminário Docomomo Brasil: conexões brutalistas 1955-75. **Anais**. Curitiba: PUCPR, 2013.

_____. **Arquitetura moderna em Pernambuco, 1951-1972: as contribuições de Acácio Gil Borsoi e Delfim Fernandes Amorim**, (2004), 270p. Tese (Doutorado)- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo (2004).

NÓBREGA, M; CÂMARA, C. **A Memória das Pedras**. São Paulo: Vitruvius, 2011. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/12.135/4065>> Acesso em 22/07/2013.

ROSEMBERG, A. **Artes Plásticas-Pernambuco** In: **Pernambuco 5 décadas de Arte**. Coord. André Rosemberg. Recife: Quadro Publicidade e Design Ltda., 2003.

SANTANA, G. **Os Arquitetos nos Últimos 40 anos**: depoimento. [20 de Junho de 2002]. Recife: II Simpósio OBSERVANORDESTE. Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=514%Aos-arquitetos-nos-ultimos-40-anos&catid=58&Itemid=414> Acesso em 08/05/2013.

_____. **Geraldo Santana: Notas biográficas para uma auto-apresentação**. Recife, Agosto, 2010.

_____. **Informações biográficas, e sobre Pernambuco e Brasília nas décadas de 60 e 70**. 2013. Recife. Entrevista concedida a Mariana Morais, Guilah Naslavsky e a Adriana Freire. Recife, 27 de Junho de 2013.

_____. **Informações biográficas**. 2013. Entrevista concedida Mariana Morais e Guilah Naslavsky. Recife, 08 e 15 de Julho de 2013.

_____. **Informações biográficas**. 2016. Entrevista concedida a Mariana Morais. Recife, 10 de Março de 2016.

SILVA, G. G. **Armando Holanda**: Arquiteto dos Alegres Trópicos. **Arquitetura e Urbanismo**. nº 69. dez.96 /jan. 97. pp.65-71.

SOUZA, D. B. I. **Reconstruindo Cajueiro Seco: Arquitetura, Política Social e Cultura Popular e Pernambuco (1960-1964)**. São Paulo, 2008. 276p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo.